

RITMOS NO TEMPO DA POLÍTICA EM SANTA CRUZ DO CAPIBARIBE/PE NAS ELEIÇÕES DE 2000

Gilson José Julião

UFCG

professorjuliao@hotmail.com

Neste artigo falaremos sobre o uso de músicas que embalaram o ritmo da campanha municipal no ano de 2000, em Santa Cruz do Capibaribe, cidade localizada no agreste pernambucano. Eleições estas do qual houve três candidatos que disputaram a prefeitura deste município, porém analisaremos apenas as músicas do candidato a prefeito José Augusto Maia, pois nos chamou atenção, devido ser este compositor e interprete das músicas. Para escrever este artigo utilizaremos como fonte quatro músicas que embalavam os comícios, as passeatas, carreatas e os eventos do “tempo da política” em 2000. Para produção textual tomamos como empréstimo da antropologia política os conceitos de “tempo da política” e “política de facção” por meio de Palmeira (1996).

O “tempo da política” para Palmeira seria justamente um dado calendário, um recorte temporal no qual as cidades param e seu cenário se modifica para vivenciar as eleições. Neste caso a política não seria uma atividade permanente, mas que se manifesta temporariamente no “tempo da política” com a contribuição da “política de facções”, onde as pessoas se dividem e se agrupam nestas facções para vivenciarem a cidade por meio da disputa eleitoral. Palmeira ao fazer um estudo sobre dois municípios, no qual ele não identifica, mas que estão localizados um no Rio Grande do Sul e outro no Nordeste destaca que:

Mas isso se restringe à política. E a política para essas populações não é uma atividade permanente e nem constitui em um domínio delimitado de atividades. Política é identificada a eleições e, sintomaticamente, o período eleitoral é chamado de *tempo da política*, *época da política* ou simplesmente *política*. (PALMEIRA, 1996, p. 42)

A política local no Brasil tem sido motivo de vários estudos da história, pois, por meio dela nos é permitido compreender as várias facetas da trama política e Palmeira nos dá elementos conceituais para analisar essas tramas. Segundo ele “as imagens mais

frequentes associadas à política local no Brasil” entre outras são a de “municípios divididos entre duas facções ou partidos afrontando-se permanentemente, muitas vezes de forma violenta, em torno do controle do poder local”. Ou seja, um conflito político que se caracteriza pela polarização entre “oposição” e “situação”, onde o acirramento de ânimos e paixões é exposto principalmente no “tempo da política”, sem questionar a sua extensão e o seu significado. (PALMEIRA, 1996, p.41)

Na cidade de Santa Cruz do Capibaribe isso fica evidente onde as pessoas são “repartidas” como se houvesse uma grande muralha dividida por duas facções e nesse sentido o pensar a cidade fica em segundo plano. As duas facções eram denominadas de “cabecinha” e “bocas-pretas”. A primeira surge por volta da década de 1950, tendo em vista que o líder político deste grupo da época, Raimundo Aragão¹ tinha uma cabeça grande e seus correligionários lhe apelidaram carinhosamente de cabecinha e daí surge a facção “cabecinhas”. A segunda facção surge por volta de 1960, esta fazia oposição ferrenha ao grupo “cabecinha” e por isso foram denominados “bocas-pretas”. Sobre isto destaco em outro estudo que:

A questão dos “cabecinhas” e “bocas-pretas” no cenário do poder local é um campo privilegiado para a análise dos imbricados processos de sedimentação das identidades sociais e políticas, em particular dos sentimentos de pertencimento e dos vínculos afetivos que agregam homens, mulheres e crianças na partilha de valores comuns. (JULIÃO, 2010, p.19)

Esses valores comuns eram partilhados por meio das duas facções até o ano de 2000, que eram os “cabecinhas” e os “bocas-preta”, porém nas eleições municipais de 2000 um cenário diferente surge, embora sem perder as características anteriores. A facção política “cabecinha” dá lugar a uma nova facção liderada por José Augusto Maia. O grupo passa a se chamar de “taboquinha”, tendo em vista que este líder queria da uma nova configuração política a cidade como podemos observar na música composta e interpretada por ele.

¹ Raimundo Aragão foi prefeito da cidade nos anos de 1955 a 1959 e de 1963 a 1968 e seu grupo ficou no poder durante 14 anos.

Meu senhor, minha senhora
Jovem que me escuta agora
Estou pedindo licença para em sua residência eu
poder falar agora } Bis
É triste ver nossa feira
Sumindo feito poeira num lugar que não é seu
Abandonada feito um menino
Sabe Deus o seu destino
Quem devia cuidar esqueceu

Mas se os filhos dessa Santa quiserem ter nova
esperança
Não é bastante acreditar
Em dois filhos dessa terra
Que de tanto amor a ela
Se entregaram pra lutar
Vamos lutar!
Acredito muito na força da união
Quem quiser participar da multidão
Chegue aqui, é só pegar na nossa mão

Na música acima podemos notar como ele vai desenvolvendo uma idéia de renovação, aonde o mesmo fala sobre o abandono da feira e que aqueles que estavam no poder não estavam cuidado dela, ou seja, ele se apresenta como a renovação que iria modificar a realidade da cidade. Isto se dava por meio da facção política “Taboquinha” que surge justamente neste contexto.

O termo “taboquinha” surge a partir do sitio Tabocas da cidade de Brejo da Madre de Deus/PE, pois Santa Cruz do Capibaribe passava por escassez de água e o candidato José Augusto Maia tinha por meio de seu mandato de vereador fez com que a água vinda da barragem do sítio Tabocas abastecesse a cidade de Santa Cruz do Capibaribe. A partir deste momento o grupo político denominado “cabecinha” passa a ser chamado de “taboquinha”.

Embora não seja o foco deste artigo a construção biográfica de José Augusto Maia é importante contextualizarmos e falarmos sobre o percurso histórico que este caminhou, pois entendemos que “(...) uma vida só pode ser compreendida pela análise do entorno: os desvios e singularidades só fazem sentido, analisados à luz do processo histórico” (CAVALCANTE NETO, 2009, p.03).

José Augusto Maia embora na canção acima se mostre como o novo, podemos dizer que este novo não era tão novo assim, pois este já tinha uma trajetória política na cidade, pois foi vereador de 1989 a 1982, vice-prefeito de 1993 a 1996 e vereador novamente de 1997 a 2000, portanto este já tinha uma vivencia de poder por meio dos espaços ao qual ocupou. Além das atividades acima mencionadas, José Augusto Maia era compositor, músico, radialista e promotor de eventos e neste sentido que o mesmo se aproveitou para ser o próprio locutor de seus guias eleitorais e compositor e cantor das músicas que embalaram o “tempo da política” em Santa Cruz do Capibaribe como na canção a seguir.

Aqui cheguei para cumprir minha missão
Ao meu povo sempre estendi as mãos
Minhas idéias, meu trabalho e minhas lutas
sempre foram ao bem dessa população
Tantas viagens, tantas noites mal dormidas
Na tentativa de encontrar uma solução
Para os problemas mais difíceis que preocupam
A maioria da nossa população
Só não sabia que pra se fazer o bem
Criaria tanta inveja em alguém
Que ao invés do amor semeiam o ódio e
ambição
Pra enfrentá-los temos que nos dar as mãos
Levante a mão com força e fé
A união vence todo mau que vier
A juventude sempre dei minha atenção
Por mais escola, cultura e diversão
Aos sem tetos lutei por mais moradia
E pra saúde sempre estendi a mão
Os que produzem dia e noite, noite e dia
Pra suas máquinas lutem por mais energia
E a maioria que a cede castigava
Eu trouxe a água tirando da agonia
Tem uns que pensam que o dinheiro compra
tudo
Eu não me iludo sei que tenho grande valor
Compra mansões, compram carros importados,
grandes fazendas e até anel de doutor
Mas tem uma coisa que o dinheiro não compra
E a consciência daquele que já entendeu
Que o melhor pra sua terra é acreditar naquele
que trabalhou mais pelos filhos seus

A música é uma das formas de linguagem que ocupa um papel de destaque na cultura em geral, trazendo em seus signos uma marca singular na expressão de nossos hábitos, valores, modos de vida, maneira de ser, agir e de pensar. As músicas eram cantadas com uma entonação forte. O cenário sempre era montado para deixar o candidato-cantor em posição de destaque, ficando no centro do palanque montados nas ruas da cidade com seu violão sobre os braços e cantando suas canções que como podemos observar sempre trazia um tom de emoção.

Na canção acima podemos observar que o cantor-candidato mostra um pouco sobre a sua história política, onde o mesmo se autodenominava como um messias que teria uma “missão a cumprir” para o seu “povo” trazendo-lhes sempre a boa nova.

José Enilson Fernandes em sua pesquisa sobre as eleições municipais de 2008 em Campina Grande-PB analisando os usos de sentimentos no “tempo da política” destaca.

Vemos o investimento numa **afetividade**, gerando um destacado cenário de domínio da **subjetividade** ou **pessoalização**. Sendo assim, a escolha dos candidatos não está pautada numa **razão**, mas muito mais motivada pela **emoção**. É no jogo da **emoção** que os ânimos são fortalecidos pelas disputas acirradas que tomam conta da cidade de Campina Grande-PB, isso é facilmente identificado entre os dois principais grupos que têm polarizado a disputa política da cidade. (FERNANDES, 2010, p. 65)

Em Santa Cruz do Capibaribe não é diferente do que se apresenta acima, pois essa emoção é levada, além de outros, por meio das músicas e isso fica mais forte ainda no processo de convencimento do eleitor no “tempo da política”, pois como mostramos, nesse momento as lutas de facções ficam mais acirradas e os eleitores se deixam levar pela emoção no momento de suas escolhas. Deste modo vemos que a utilização da música é um forte aliado de José Augusto Maia, devido o mesmo ser o que levava as pessoas a terem esse sentimento de emoção e pertencimento ao seu grupo, onde se coloca de seu lado aqueles que querem o bem de sua cidade e de outro os que querem o atraso e que esse bem que ele coloca criou “tanta inveja em alguém” que seria justamente seus adversários, ou seja, o mal. Para combater esse mal a canção convoca seus simpatizantes e toda a população para o enfiamento, onde na letra se destaca que: “pra enfrentá-los temos que nos dar as mãos”.

Para ilustrar melhor o uso de sentimentos como amor, amizade, afeto, aproximação e união que aproximam os eleitores as suas idéias, pois o autor das músicas e candidato seria o melhor para a cidade, mas que por outro lado existia um mal que é adjetivado nas músicas associado ao ódio, rancor, raiva como podemos ver nas duas últimas canções analisadas.

Vem chegando outra batalha
E eu vou ter que enfrentar
A força dos poderosos
Vem com tudo pra nos derrubar
Vou precisar de você
Você que me viu fazer
Você que me viu lutar
Por essas ruas
O que fiz de bom pro povo
Fazem tudo para ocultar
Falsos erros jogam sobre mim
Tentando lhe enganar
Pago tanto sem dever
Isso só me fez sofrer
Isso até me fez chorar
Gente que foi meu amigo
Hoje estar como inimigo só por ódio e rancor
Gente que foi companheiro
Quando lhe deram dinheiro
Também me abandonou
Mas existe uma esperança

Se com fé a gente alcança
Novamente vou tentar
Ganhar a rua de novo
Sentir o cheiro do povo
Juntar-me com aos que fazem a feira e levantar
a bandeira
A bandeira do progresso
A bandeira do trabalho, do amor e da união
Solte o seu grito que está preso na garganta
Até mesmo uma criança sabe onde o erro estar
Chegou a hora
O medo já acabou
Troque o ódio pelo amor
Pelo amor de nossa terra
E vamos fazer
Vamos fazer uma corrente de união
É só estender a mão e dizer amo minha terra
Eu amo minha terra
Ela estar no coração
Ela estar no coração

Logo no início da música ele se coloca sobre si as responsabilidade que se apresentam no “tempo da política” quando o mesmo destaca que “vem chegando outra batalha e eu vou ter que enfrentar as forças dos poderosos”. Isto mostra a intenção do autor da letra que também é o candidato é de se colocar como um grande lutador e que não tem medo da disputada do qual estava inserido, porém precisava e clamava pela ajuda das pessoas e para isto se utiliza de elementos da emoção tentando desqualificar aqueles que não estão com ele e que de alguma forma lhe traiu e que vivem de certo modo tentando derrubá-lo. Elementos como o amor que se diz ter pela cidade, a aproximação com os que constroem a cidade e a sua relação de aproximação colocando-se lado a lado com o povo mostra a intenção, do que canta, em conquistar esse povo por meio da emoção. O fato do candidato “sentir o cheiro do povo” e “ganhar as ruas” são marcantes para torná-lo íntimo e próximo, ou seja, é algo que faz parte da cultura desse povo e isso facilita a relação entre candidato e eleitor.

Desta forma nada melhor do que uma canção, pois certamente a música tem a capacidade de influenciar os sujeitos, pois, se torna mais fácil “familiarizar-se com o percurso” e as várias vezes que a música toca e é tocada. Esse percurso se torna familiarizado e sua “percepção do que quer exprimir podem encontrar um terreno propício ao seu desabrochar, é possível, inclusive, haver uma aceitação espontânea pela força da mensagem”. (FOUCAULT, 2001, p. 396) Isso se dá devido a força comunicativa das músicas formadas por um conjunto coeso de símbolos que permite manter um sentimento de pertencimento e esse pertencimento levaria as pessoas a se juntarem ao que defendem “a bandeira do progresso, a bandeira do trabalho, do amor e da união” como diz a música de José Augusto Maia e estes estariam ao lado dos “taboquinhas”.

Na canção a seguir, elementos já abordados acima são destacados como a aproximação do candidato com o leitor, porém com um apelo inicial ao Divino.

A minha voz ainda não calou
As minhas pernas inda estão comigo aonde vou
Inda tenho os mesmos ideais
Se estou com Deus
Condeno o Satanás
E eu ainda estou sozinho
Ninguém vem tirar as pedras do meu caminho
Ninguém vê que estou descalço e tem tanto espinho
Eu faço parte da maior parte desse povo
Os que mais sofrem e sempre esperam por algo novo
Mudam de leis
Mudam de opiniões

Mudam projetos
Mudam de posições
Eu sou do povo e para mim nada mudou }bis
Por que é que os que dão
Nos fins das contas recebem mais
E os que recebem no final pagam demais
Derrubaram até o muro de Berlim
Não sei pra quem foi bom
Não sei pra quem foi ruim
Só sei que sou do povo e para mim nada mudou
O dia chegará
O dia vai chegar
Quando ele chegará
A gente chega lá

Em nenhuma das outras canções a inclinação para o divino é tal marcante como nestas, embora que nas demais músicas sempre se fala sobre fé, esperança. Porém nesta, ele se coloca novamente como um messias que veio para salvar o povo, mas de forma mais contundente aonde chega até a “condenar o Satanás”. Ele se coloca como um aliado de Deus e tentando se comparar a Cristo na época do calvário, onde José Augusto Maia canta que “ninguém vem tirar as pedras do meu caminho, ninguém vê que estou descalço e tem tanto espinho”. Isso faz com que no decorrer na canção ele se iguale com os anseios da população, pois se colocava como, não só um aliado, mas como um que faz parte, ou seja, igual ao restante do povo sofrido dessa terra.

Nas quatro canções abordas José Augusto Maia canta as canções se colocando como um o novo, o que vem restaurar e salvar a população do mal que seriam todos aqueles que estivessem contra ao seu projeto político e nada melhor do que associar sua imagem as questões divinas. As mensagens que as canções trazem tem o sentido de colocá-lo como salvador na perspectiva de construir uma nova configuração política para a cidade, pois ele coloca como atraso e mal o outro lado da facção contribuindo desta forma para que o mesmo ganhasse a eleição.

Utilizando a música como valores e acontecimentos, como destaca Sulpino: “a música não é aquilo que essencialmente determina a verdade ou a falsidade de algo, mas significa valores e acontecimentos traduzidos em palavras, símbolos e representações sociais”. (2002, p. 01). José Augusto retratou por meio de suas letras aquilo que afetava a população, ou seja, emoções, desejos, alegrias, amor, aproximação e ao mesmo tempo rancor, ódio, inveja traduzindo isto por meio de sua voz que ecoava aos quatro cantos da cidade no “tempo da política”

Referência bibliográfica

FERNANDES, José Enilson. **Quando a emoção pede passagem: um estudo sobre o uso dos sentimentos nas campanhas eleitorais**. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Sociais, área de Concentração Antropologia. UFCG, CH, UASA. 2010.

FOUCAULT, Michel. A música Contemporânea e o Público. IN. **Estética: literatura e pintura, música e cinema** / Michel Foucault; organização e seleção de textos. Manoel Barros da Monta: tradução. Inês Autran Dourado Barbosa. – Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2001.

JULIÃO, Gilson José. **Cultura política em torno da figura de Padre Zuzinha em Santa Cruz do Capibaribe-PE (1968-1986)**. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em História, UEPB. 2010.

NETO, Faustino Teatino Cavalcanti. **Biografia Política: o caso do paraibano Felix Araújo**. Trabalho apresentado na disciplina Micro-história e Usos da Biografia do Doutorado em História. Mimeo. Recife. 2009.

PALMEIRA, Moacir. Política, Facções e Voto. In: In: PALMEIRA, Moacir & GOLMAN, Marcio (org.) **Antropologia, Voto e Representação Política**. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 1996. p. 41 a 56.

SULPINO, Maria Patrícia Lopes. **A Construção do Nordeste nas Músicas de Forró** João Pessoa, v.5, n7. 2002.